

NOTA DE PESQUISA

“MAIS TESÃO, MENOS ENCUCACÃO”: O LAMPIÃO DA ESQUINA E A HOMOSSEXUALIDADE NO FINAL DA DITADURA

"MORE TESION, LESS ENCUCATION": THE CORNER'S LAMP AND A HOMOSEXUAL-LITY AT THE END OF THE DICTATORSHIP

Pesquisa coletiva PET História UFPR¹
Aguinaldo Henrique Garcia de Gouveia
Lauriane dos Santos Rosa
Lucas Engel Sacht
Mariana Fujikawa

Introdução

Anualmente, como parte das atividades do grupo PET-História, é realizada uma pesquisa coletiva. No ano de 2016, o tema escolhido foi o do jornal *Lampião da Esquina*, um jornal homossexual brasileiro publicado entre 1978 e 1981. A partir disso, os petianos se dividiram em quatro eixos para a pesquisa: um dos eixos focaria nas questões teóricas do jornal, tratando especificamente do seu funcionamento; outro eixo iria tratar das questões dos outros grupos do jornal, focando na questão

¹ Alunos integrantes do PET no decorrer da pesquisa: Aguinaldo Henrique Garcia de Gouveia, Bruna Trautwein Barbosa, Camila Quadros, Carolina Marchesin Moisés, Douglas Figueira Scirea, Lauriane dos Santos Rosa, Lucas Engel Sacht, Luccas Abraão de Paiva Vidal, Maria Victoria Ribeiro Ruy, Mariana Fujikawa, Mariana Mehl Gralak, Maurício Mihockiy Fernandez Martinez, Mayume Christine Minatogawa, Michel Ehrlich, Shirlei Batista dos Santos, Suellen Carolyne Precinotto, Thaís Cattani Perroni. Tutora: Prof.^a Dr^a Renata Senna Garraffoni.

dos negros; um eixo iria focar na presença das mulheres no Lampion da Esquina, e o quarto eixo iria tratar da presença ou ausência de transexuais e travestis no jornal.

Nesse sentido, estruturaremos essa nota de pesquisa da seguinte forma: primeiramente apresentaremos o eixo do funcionamento do jornal, comentando também sobre a imprensa alternativa. Em seguida, apresentaremos sobre os outros grupos, focando na questão dos negros. Após isso, trataremos das questões das mulheres no jornal, finalizando com a questão de travestis e transexuais. Por fim, apresentaremos algumas considerações finais.

A Imprensa Alternativa

A criação da imprensa alternativa, também denominada como imprensa nânica ou marginal, foi fruto da intenção de muitos intelectuais de se desvencilharem de grandes jornais e publicações acadêmicas. Os jornais do cenário alternativo eram de pequeno porte, não dispunham de muitos recursos econômicos, “[...] mantiveram posição de forte e corajosa contestação à ditadura e tiveram e tiveram papel importante na veiculação das informações, que o regime procurava esconder a todo custo, e no debate de ampla gama de assuntos políticos, econômicos e culturais.” (KUCINSKI, 1991). Segundo Bernardo Kucinski, a imprensa alternativa surgiu

[...]da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à

universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo, que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. Compartilhavam, em grande parte, um mesmo imaginário social, ou seja, um mesmo conjunto de crenças, significações e desejos (...) A medida que se modificava o imaginário social e com ele o tipo de articulação entre os jornalistas, intelectuais e ativistas políticos, instituíam-se novas modalidades de jornais alternativos. (KUCINSKI, 1991, p. 04)

É dentro desse cenário que surge o *Lampião da esquina*, um periódico mensal com uma tiragem de 10 a 20 mil exemplares e vendido em bancas espalhadas por todo o país. A ideia inicial da criação de um jornal voltado para a comunidade homossexual surgiu com a vinda de Winston Leyland, editor da revista *Gay Sunshine*, para o Brasil. Leyland despertou o interesse de vários intelectuais brasileiros na criação de um espaço destinado a um público considerado desviado, no qual o gueto era tido como local principal. O conselho editorial do jornal era formado por nomes como Darcy Penteado, Adão Costa, Aguinaldo Silva, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry. As primeiras publicações do periódico foram subsidiadas por amigos e colegas dos editores. Houve ainda a criação de uma editora denominada *Lampião*, que impulsionou a impressão do tabloide.

O nome do jornal remetia, segundo Green, a um estilo de “vida gay de rua, mas que aludia também à figura do rei do cangaço” (SIMÕES, 2006, p. 39). De acordo com um de seus editores, Aguinaldo Silva, o título do periódico surgiu depois de uma lista imensa de opções.

A alcunha de Lampião partiu da ideia de subversão, o símbolo da masculinidade era, e ainda é, impresso na figura cangaceira de Virgulino Ferreira. Colocar em cheque essa visão, juntamente com a ideia de luz e caminho, foi essencial para a escolha do nome do jornal.

A última publicação do jornal ocorreu em 1981. Houve muitos fatores que contribuíram para o fim do periódico, como conflitos editoriais internos, questões administrativas (especialmente relacionadas à publicidade e à distribuição) e culturais.

“Mas Um Jornal Homossexual, Para Quem?”

Logo na sua primeira edição, o *Lampião da Esquina* procurou demonstrar quais eram as suas grandes preocupações e para quem eram destinadas as páginas do periódico. Segundo Simões Júnior:

Assumir e orgulhar-se de sua homossexualidade, sair dos guetos, transitar como qualquer outro cidadão, ter livre arbítrio para escolher lugares de lazer, e, acima de tudo, exprimir livremente sua sexualidade são temas constantes em *Lampião*. Em especial no primeiro ano de sua existência (1978), esta é a tônica do jornal. (SIMÕES, 2006, p. 40)

O Lampião, em sua edição número 0, publicada em abril de 1978, da qual foram impressas cinco mil cópias e distribuídas a um público selecionado aponta, em um editorial intitulado *Saindo do Gueto*, qual a finalidade da criação de um jornal gay:

[...] é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive

nas sombras, que prefere a noite, que encara sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. (LAMPPIÃO, edição 01, p. 02)

O gueto era a preocupação inicial do Lampião, o periódico estava interessado em encarar o desafio de, enquanto uma publicação gay, se assumir e lutar para ser aceito num período onde as violências morais e físicas contra os homossexuais eram grandes. O público a quem se destinava era bastante diverso e com várias singularidades. O periódico, em busca da criação de uma consciência homossexual, falava de bichas, gays, entendidos, viados homossexuais, travestis, negros e mulheres. No entanto, cabe salientar que a figura homossexual masculina ganhava destaque e preponderância nas colunas, artigos e notícias do jornal. Segundo Green, a intenção do Lampião da Esquina não era a de criar uma identidade única da homossexualidade, mas sim buscar uma forma de identificação com aquele que o lê, principalmente dentro de um cenário onde a heterossexualidade é vista como única prática possível, tratando outros tipos de comportamentos como fugitivos à norma e como sinônimos de desvios e de pecado.

A homossexualidade, dessa forma, passa a ser encarada pelo jornal como uma alternativa legítima à heterossexualidade, que se tornava um campo mais sólido para se debater acerca de temas que eram até então colocados à margem da sociedade. O *Lampião da esquina* passou a iluminar um caminho obscuro, colocava um feixe de luz sobre aqueles

e aquelas que eram obrigados a se manterem na escuridão e no silenciamento. Segundo Rodrigues:

O Lampião deu a chance a uma parcela da sociedade de expressar seus pensamentos e seu modo de ser, criou um espaço para a discussão que não existia na grande imprensa. A coragem dos editores trouxe a esperança para aqueles que liam o jornal. O discurso do Lampião da Esquina é de não conformismo. (RODRIGUES, 2014)

Múltiplas identidades e representações permeavam as páginas de Lampião. O presente trabalho tem como objetivo principal trabalhar com essas questões e entender como e se o jornal Lampião da Esquina fez com que os outros grupos se sentissem representados e contemplados no jornal.

Os negros no jornal

Nesse sentido, pode-se perceber no Jornal Lampião da Esquina um discurso que busca defender um objetivo maior, uma luta comum que envolveria todas as chamadas minorias oprimidas. Logo na edição zero esse elemento já é ressaltado:

Para isso [lutar para que os homossexuais sejam reconhecidos como seres humanos, que se assumam e sejam aceitos] estaremos mensalmente em todas as bancas do País, falando da atualidade e procurando esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos também ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias do Cur-

distão: abaixo aos guetos e o sistema (disfarçado) de párias. (LAMPPIÃO, edição 0, p. 02).

Já na próxima edição, a de número um, esse tema é retomado. O enfoque agora é sobre as “Nossas gaiolas comuns”. Aqui, o que foi apresentado na edição zero é retomado e aprofundado. O objetivo comum e a luta maior, em conjunto, são retomados. Há, contudo, elementos novos, enriquecedores do debate e que permeariam todo o percurso do jornal. A ideia de uma “gaiola-blusa”, ou seja, os diversos discursos, preconceitos e mecanismos presentes numa sociedade machista, racista e homofóbica, em que todas essas minorias estariam presas, é o elemento central do discurso do jornal. Somente com a tomada de consciência de que todas as minorias estariam presas nessa gaiola-blusa é que seria possível superar as dificuldades numa luta comum geradas pelas especificidades de cada luta. Acerca disso:

A posição idealista e individualista de liberação deve ser superada: ou tentamos, todos juntos, abrir a porta da gaiola, ou permaneceremos lá dentro, cada um com a ilusão de que está numa gaiola particular. Isso não significa esquecer a singularidade da situação da mulher, ou de outras situações, mas implica em ter plena consciência da gaiola-blusa vestida por todos nós, cada um a sua maneira. Uma gaiola-blusa cuja exata finalidade é a de dar a impressão de ter sido feita sob medida, quanto basta olhar o mundo lá fora – e não apenas ser olhado e aceitar esse olhar – para perceber que, como tudo neste mundo em que vivemos, ela é produzida em série (LAMPPIÃO, edição 01, p. 02).

Dessa forma, pode-se perceber que há uma consciência quanto a amplitude das opressões, representadas aqui na figura da “gaiola-blusa”,

na qual todos esses grupos estariam encarcerados. O grande ponto, portanto, seria a tomada de consciência e a luta contra essa “gaiola-blusa” comum, ambas conjuntamente entre as minorias.

Apesar de que, posteriormente, o termo minoria foi deixado de ser usado, pois o corpo editorial passou a entender que se tratava de um conceito pejorativo e permeado pelos discursos de poder, o objetivo de unificar as lutas dos agora denominados grupos discriminados, ou ao menos fortalecê-las e dar-lhes visibilidade, por meio da tomada de consciência e de uma luta comum, continuou. O que nos interessa aqui é saber como isso se deu, especificamente acerca dos negros e das negras.

A monografia de Ariana Mara da Silva, “Griôs sapatonas brasileiras e Lampião da Esquina: o contraste das questões de gênero, raça e sexualidade na fonte oral e na fonte escrita”, apesar de ter por objetivo analisar como, e se, o Lampião cumpriu sua proposta de dar voz, visibilizar, fortalecer as lutas comuns, especificamente acerca de mulheres lésbicas negras, trabalhando a partir da interseccionalidade, nos fornece, dentre outras coisas, uma importante base, uma direção e acerca das questões a serem feitas. O que nos interessa aqui, no entanto, não são exclusivamente as mulheres lésbicas negras, mas sim, pessoas negras, sejam homens ou mulheres, heterossexuais ou homossexuais. Nosso objetivo, portanto, é analisar se e como o jornal realizou sua proposta, apresentada acima, especificamente acerca das pessoas negras.

Um primeiro elemento a ser destacado é a composição do corpo editorial do jornal, que contava com apenas uma pessoa negra: Adão Acosta. Nesse sentido, nos parece que a explicação giraria em torno de

uma certa incompatibilidade entre movimentos negros e LGBT, especialmente acerca da interseccionalidade, além de uma centralidade das figuras brancas e masculinas. Acerca disso, Silva nos oferece uma explicação concisa.

O Lâmpião da Esquina como visto até o momento, propunha-se constantemente ao diálogo com os movimentos de grupos discriminados: Movimento Negro, Movimento Feminista, um incipiente Movimento Lésbico e o Movimento LGBT. Ainda assim é possível perceber que o tratamento das interseccionalidades é dificultado em alguns momentos pelo afastamento desses movimentos do jornal por não se identificarem com a causa LGBT e em outros porque o Conselho Editorial do jornal se fazia de “dono da bola. (p. 91).

Apesar ou justamente por essa pequena representatividade no corpo editorial e de uma efetiva centralidade acerca das questões em torno da homossexualidade masculina e branca, como pode ser percebida mesmo numa rápida análise do jornal, a proposta do Lâmpião de dar voz e fortalecer outros movimentos sociais oprimidos, nesse caso, aos negros e negras, foi relativa, visto que a visibilidade desses elementos no jornal foi um tanto quanto marginalizada e problemática. É verdade que em boa parte das edições, talvez mesmo na maioria, estão presentes artigos, entrevistas, cartas, etc, que tratam prioritariamente ou exclusivamente da questão racial; tantas outras vezes, essa questão está também presente em artigos que têm outros temas como principais. Essa presença, contudo, de maneira geral, era reduzida. Contava apenas, na maioria das vezes, com partes muito pequenas do jornal.

Nossa interpretação acerca disso é que, de modo geral, o jornal não se aprofundava o suficiente nas questões raciais. Ou seja, as análises e críticas eram quase sempre genéricas e superficiais. Especialmente as entrevistas com pessoas do movimento negro eram as exceções, pois, assim, traziam-se elementos mais aprofundados e embasados. Não queremos dizer que nas diversas vezes em que o jornal criticou a pretensa democracia racial e as “leis brancas”, não cumpriram com sua proposta e, principalmente, com uma função social. A questão é que, associado à baixa representatividade no conselho editorial, à centralidade de outros elementos e a relativamente baixa visibilidade, seriam necessários um embasamento e um aprofundamento muito maior nessas questões para que a proposta do jornal fosse alcançada. Dessa forma, pode-se dizer que a proposta do jornal, quanto aos negros e negras, foi parcialmente alcançada, visto todos os elementos acima apresentados.

Mulheres no Lampião da Esquina

Além da questão dos negros e negras no jornal, focaremos também nas questões sobre as mulheres presentes nessas publicações. Como afirmam Schultz e Barros:

A sociedade ocidental fundamenta-se no dualismo, que classifica os indivíduos em homens e mulheres, posicionando-os em clara oposição. Esta divisão surge a partir de um histórico social responsável por análises estritamente biológicas sobre as questões de gênero. Atualmente se reconhece que, tão importante quanto à constituição biológica para a definição da sexualidade, são as características comportamentais e aspectos psicossociais que definem o indi-

víduo como um ser integrado ou não à sociedade. É por meio das nuances dessas definições que surgem movimentos sociais como o feminismo, o homossexualismo, o travestismo, entre outros, que vêm-na contestar todo o sexismo enraizado nessa sociedade heteronormativa. (SCHULTZ; BARROS, 2014, p. 49-63)

Bicha x Bofo

Na ditadura militar, afirma Miskolci que no pátio tinha que formar filas de meninas e de meninos. Nisso, apareciam as brincadeiras dos meninos, que teriam de exercitar sua valentia (MISKOLCI, 2012). No regime ditatorial militar, Miskolci afirma que vivia sob uma ordem que girava em torno de um poder essencialmente masculino. Os supostos “homens de verdade” seriam os que desprezavam os homossexuais e exerciam seu poder sobre as mulheres. Como afirma Müller, os atributos dos homens seriam de força, virilidade, independência e potência sexual. (SANTOS, 2015, p. 138).

Com a abertura, como já afirmado, há a possibilidade de um maior debate sobre a homossexualidade. Porém, nesse momento, tanto a esquerda quanto a direita focavam em uma concepção heteronormativa da sociedade (SILVA, 2016, p. 5) o que implicava em uma naturalização dos papéis de gênero e das características supostamente naturais dos homens e das mulheres.

Assim, o Lampião da Esquina, em um primeiro momento, focou em fazer com que a imagem do homem homossexual fosse a de um homem culto, inteligente, masculinizado. Dessa forma, o homossexual “afeminado”, chamado de “bicha”, ou “boneca” era visto de forma infe-

rior. Isso é um aspecto de subjugação da mulher que era presente no jornal. O gay masculinizado, o “bofe”, era visto como algo positivo, enquanto a “bicha” era algo que o jornal desejava que fosse excluído da comunidade gay. Além disso, se o homem permanecesse no mesmo papel do suposto “homem verdadeiro” - ou seja, o papel ativo, dominante, que penetra - ele poderia ter relações sexuais com outros homens sem perder seu status social de homem. Isso porque alguns homossexuais desejavam se colocar como parte integrante da sociedade, ou seja, como algo normal, natural. Assim, eles focavam em manter, ainda que nas relações homoafetivas, um ideário do homem viril. Além disso, eles desejavam demonstrar uma postura de seriedade, e isso aparecia no Jornal. Havia, então, um discurso contra a frescura, contra a feminilidade. Este discurso pode ser percebido na carta de um leitor que não fala qual é seu nome, que afirma:

Gostei muito do número um e estou a fazer um pedido: um dos leitores solicitou um aumento da frescura e uma seção de Receitas do Prazer (...). Por favor, gente boa, nada disso! Sem frescura, pois aí cai de novo no riso e não leva a nada. (LAMPÃO, edição. 02, p. 15)

Porém, apesar dessa visão ser uma das correntes no Lampião, é importante afirmar que havia opiniões contrárias a essa. Isto fica explícito, por exemplo, no artigo que o antropólogo Peter Fry questiona a carta de um leitor (José Alcides Ferreira), que havia criticado o excesso de supostas frescuras do jornal:

História da imprensa baiana

Corro a defender **Little Darling e Tiratinho** que José Alcides Ferreira rejeitou como uma produção de uma “camarilha machista que só consegue se impor através do ridículo, da vulgaridade e do **beautiful people** indigesto do Sr. Anuar Farah e Cia” (Lampião, n.2). Não duvido, não, que a maioria das coisas que se produz numa sociedade basicamente machista carregam a mancha. Não duvido tampouco que a antiga distinção entre bichas e homens diz muito a respeito da dominação dos homens sobre as mulheres na cama e na vida cotidiana. (LÂMPIÃO, Edição 04, p. 4)

Nessa mesma proposta, posteriormente o jornal cria uma coluna, chamada *Bixordia*, em que busca acabar com a seriedade e passam a adotar o uso da categoria *bicha* para se referirem a si próprios. Assim, como demonstra Butler, ainda que existindo um binarismo inicial do bofe e da bicha, as relações homoafetivas não reproduzem a heteronormatividade tal como nas relações hétero (BUTLER, 2015). Eles as transformam, brincam com elas, realizando uma paródia.

Apesar de uma posterior desconstrução do binarismo *bofe x bicha*, o Jornal Lampião ainda trazia aspectos problemáticos em relação ao espaço das mulheres. Nesse sentido, é interessante perceber que o corpo editorial inicial do Lampião era composto apenas por homens. Esse conselho editorial foi inicialmente formado por onze pessoas, todos homens e homossexuais, a maioria brancos (a exceção era Adão Acosta) e tinha como coordenador de edição Aguinaldo Silva. A tentativa de explicação dessa completa falta de mulheres no conselho editorial é dada pelo coordenador Aguinaldo Silva, que afirmou:

A ausência de mulheres em LAMPIÃO não é, fique bem explicado, por culpa do seu conselho editorial; convites não faltaram, todos recusados, mas nossas colunas continuam a disposição. Uma das questões que o jornal pretende levantar é a do feminismo e, pelo menos quanto a este tema específico, as mulheres homossexuais não podem se furtar; no caso das mulheres a discriminação é bem mais complexa, e independe de suas preferências sexuais. (LAMPIÃO, Edição 0, p. 5)

Porém, essa explicação pode não ser satisfatória. Há a possibilidade de talvez as mulheres não se sentirem seguras em se posicionarem dentro de um jornal homossexual por uma questão até hoje recorrente: o Conselho Editorial era predominantemente masculino. Muitas mulheres podem ter se sentido acuadas pelo poder masculino dentro de um espaço intelectual por medo do silenciamento recorrente, e pela dificuldade de inserir seus argumentos e expressões em um ambiente masculinizado, ainda que homossexual (DAVID; ARRUDA, prelo). Há, então, em um primeiro momento, um maior silêncio sobre diversas questões lésbicas, de mulheres, mas também de questões como as trans e os negros e as negras. Sobre isso, afirma Ariana Silva que comenta:

É preciso entender que os silêncios expressam muito sobre o que é a sociedade. Durante muito tempo as mulheres foram relegadas a um silêncio ensurdecedor, situação que começa a mudar a partir do século XIX, quando muda o horizonte sonoro e torna-se comum a presença e fala feminina em lugares antes proibidos. (SILVA, 2015, p. 35)

Percebe-se, porém, com o passar das edições, que passa a existir uma maior visibilidade às mulheres no Lampião. Isso pode ser percebido

do no número 5, em que o *Lampião* traz uma entrevista com Cassandra Rios, escritora lésbica, que teve cerca de trinta e seis livros censurados pela ditadura e que foi acusada de “atentado a moral e aos bons costumes” por seus livros de contos eróticos destinados ao público gay.

Na edição número 11, afirma Aguinaldo Silva que “o jornal se viu invadido pelas mulheres”, saudando a participação de um grande número delas na reunião de pauta “o que as mulheres devem (não) pensar e (não) fazer” (LAMPIÃO, Edição 11, p. 2). Mulheres passaram, então, a ocupar as páginas no *Lampião da Esquina*. Isso pode novamente ser percebido na edição número doze, porém a participação das mulheres dessa vez ocorreu de forma institucionalizada. As mulheres que militavam no grupo Somos se reuniram e escreveram uma matéria de cinco páginas no *Lampião*. Os temas tratados eram variados, e tratavam sobre o aborto, a masturbação feminina, o assassinato de mulheres. No caso do aborto, o jornal afirma:

A TV-Globo, no quarto episódio da série *Malu Mulher*, teve o mérito de levantar pela primeira vez nos meios de comunicação de massa a questão do aborto no Brasil. O programa mostra, de maneira muito verídica, como uma mulher de classe média pode resolver o problema de um filho não planejado. A maneira como o assunto é tratado neste episódio deixa a nu a hipocrisia com a qual a sociedade brasileira enfrenta o problema do aborto; apesar de ilegal, ele é acessível às mulheres que têm condições econômicas para submeter-se à escandalosa comercialização resultante desta ilegalidade jurídica. (LAMPIÃO, Edição 16, p. 18).

Ainda assim, o Jornal ainda focava muito nas questões da homossexualidade masculina. Margareth Rago demonstra que ao longo dos anos 70 com a entrada cada vez maior de mulheres no espaço acadêmico, novos temas considerados pertencentes ao ‘campo feminino’, fez com que as mulheres reivindicassem o seu lugar na História (RAGO, 1998, p. 89-98). E novas abordagens como o questionamento das identidades sexuais foram incorporadas a historiografia. As mulheres, então, viriam a criar mídias próprias voltadas a seus problemas, como o jornal feminista *Chana com chana* e o *Grupo Lésbico Feminista*. Além disso, outras publicações lésbicas despontam nos anos 1980 vinculadas a associações e organizações de militância, caso de *Boletim Amazonas*, *Xerereca*, *Boletim Ponto G*, *Deusa Terra* e *Lesbertária*. (RAFEITOSA, 2014, p. 108)

Transexuais e travestis

De forma semelhante aos outros grupos identitários, travestis e transexuais não tiveram grande destaque no jornal *Lampião da Esquina* já desde o seu início, apesar de algumas reportagens já mencionarem tais grupos em diversas situações, por exemplo, no número 01, três matérias falam sobre travestis, uma sobre o carnaval em Salvador, outra sobre prostituição e outra ainda sobre um filme protagonizado por uma “atriz-travesti” (LAMPPIÃO, edição 01, p. 3-11). No entanto o tema não possuía grande destaque, situação que pouco mudou no decorrer das publicações.

É digno de nota que o termo “transexual” já era utilizado em alguns textos do jornal para se referir a esse determinado grupo do movimento LGBT. O que chama a atenção dado a situação ditatorial e moralista aliada à pouca oferta do procedimento cirúrgico no Brasil. A edição de número 32 do jornal traz em sua capa a manchete “Brasil, campeão mundial de travestis” e, para além da notícia da conquista das “bichas biônicas”, é quase exclusivamente dedicada a temas relacionados como o preconceito e a discriminação sofrida pelas travestis e pela própria repressão governamental a essas pessoas.

Com essa análise inicial, surgem algumas questões a serem respondidas: quando a revista começou a abordar mais as travestis e transexuais? De que forma o tema era abordado? Como o discurso da revista era usado para promover a aceitação de travestis e transexuais na sociedade? Antes de prosseguir, cremos ser interessante contextualizar o termo “travesti”, para isso tomamos como base o que é apresentado por Luiz Morando no livro *Ditadura e homossexualidades*, organizado por James Green e Renan Quinalha:

[...] é forçoso esclarecer dois aspectos aos quais o termo travesti aparece ligado nesse período. Um deles se refere ao seu sentido etimológico: o que se traveste com roupas do sexo contrário. Neste caso, o termo é aplicável principalmente aos festejos de carnaval para homens que utilizam fantasias femininas, [...]. Outro sentido diz respeito à visibilidade que as travestis vão ganhando pela necessidade de expressar publicamente sua identidade de gênero. Neste caso, ao longo da década de 1960, o termo boneca, antes empregado para se referir às belas mulheres do *society*, passou

a ser utilizado como sinônimo de travesti.² (MORANDO; GREEN, QUINALHA, 2014, p. 69)

Cabe ainda chamar atenção para o uso do substantivo travesti apenas no gênero masculino, comumente empregado na imprensa da época. A opção pelo uso do gênero feminino neste texto se deve à intenção de acentuar a identidade de gênero do segmento, já naquele período. Apesar disso, essa opção pode soar anacrônica, pois a forma de expressão dessa identidade, entre as travestis, não se coadunava, naturalmente, com as formas atuais. Mesmo assim, havia modos peculiares de expressar essa identidade de gênero. (MORANDO; GREEN; QUINALHA, 2014, p. 70)

Quando a revista começou a abordar travestis e transexuais?

Como exposto anteriormente, desde o primeiro número o Lâmpião aborda essa temática, no entanto em comparação com outros temas que não a homossexualidade masculina, a temática de travestis e transexuais aparece em muito menor número nas matérias.

Segundo Natam Felipe de Assis Rubio:

De todas as edições, foram 180 páginas que relataram aspectos sobre a vida de travestis, a maioria, da cidade do Rio de Janeiro, seus trabalhos, a condição de indivíduos à margem da sociedade, a espetacularização deste sujeito, shows, relacionamentos amorosos, prostituição, violência e morte. (RUBIO, 2014, p. 02)

² O termo boneca aparece no jornal com frequência

Se considerarmos o primeiro número em maio de 1978 e o número 32, que traz a reportagem sobre as travestis brasileiras campeãs mundiais, em janeiro de 1981, vemos aí três anos para que o tema ganhe o maior destaque no jornal, a capa, além de oito páginas desse número para a temática em diversas abordagens.

A maioria das reportagens aborda filmes que tem atrizes travestis ou personagens principais travestis, por exemplo: além da já referida no número 01, aparecem menções a esses filmes nos números 15 e 16 de 1979. É digno de nota que “Travestis” aparece em uma capa, logo na quarta edição de 1978, no entanto o foco incide sobre a manchete da entrevista de Clodovil Hernandez. Ou seja, apesar de ser um tema secundário, ou secundarizado, no jornal ele pode ser interpretado como constante nos três anos de duração do Lampião, desde seu primeiro número até os últimos.

De que forma o tema era abordado?

Além da questão da violência e da prostituição que apareciam recorrentemente nas matérias sobre travestis e transexuais, muitas faziam referência e divulgavam filmes estrelados por atores e atrizes travestis e transexuais. Como já exposto, “travesti” era utilizado no masculino nos textos do Lampião, seguindo o padrão da imprensa da época, e também o termo transexual já figurava em algumas edições do jornal, ainda como “transexualismo” e não “transexualidade” como é utilizado de alguns anos para cá, dada a relação que a terminação “ismo” tem com a noção de patologia, doença, principalmente com relação a temas LGBTs.

Na primeira edição que traz “Travesti” na capa, a matéria referente à manchete traz um ensaio fotográfico encomendado pelo conselho editorial da revista. “Pode-se dizer e pensar o que quiser sobre o travesti mas uma coisa é, certa: além de ativa, a nossa rapaziada é criativíssima. Basta olhar” (LAMPPIÃO, edição 04, 1978, p. 08). O texto da matéria é interessante, no sentido de que é uma entrevista com Jorge Alves de Souza, enquanto se prepara para ser Geórgia Bergston. O texto ressalta algumas dificuldades desse trabalho: “Salário de travesti é igual ao de gráfico de firma em decadência: esta sempre descendo. Se eu vivesse só de shows, estava roubado” (LAMPPIÃO, edição 04, 1978, p. 09). “Mas a sobrevivência do travesti ainda é ameaçada por outros problemas. Para a polícia, por exemplo, ele é uma espécie de marginal. A própria carteira de ator que a Censura Federal emite não tem nenhuma validade” (LAMPPIÃO, edição 04, 1978, p. 09). Por fim, Jorge parece fazer coro ao ideal de identidade homossexual masculina almejada pelo Lampião:

Sempre preocupado em retocar a maquiagem, Jorge faz uma ressalva: detesta frescura - Acho um horror esse negócio de uiuiui, aiaiai. Isso é falta de personalidade. Detesto bicha miau Mas também não condeno ninguém, acho que quem vive condenando as pessoas que não são iguais a ele é reacionário e mau caráter; afinal, as pessoas que se dizem mais normais estão aí, desabando no divã do analista”. (LAMPPIÃO, edição 04, 1978, p. 09)

Algo curioso de se notar é a marginalidade de um texto sobre o fim das cirurgias de mudança de sexo nos EUA no número 16 do jornal em 1979. A matéria, intitulada de “Transexualismo no fim” dentro da

coluna “Bixórdia”, traz um brevíssimo relato sobre o único hospital dos EUA que ainda realizava o procedimento. A matéria logo abaixo desta, na mesma coluna, aborda um filme estadunidense que vinha sendo reprisado constantemente na Rede Globo no horário das 23 horas e possui o mesmo tamanho que a anterior. (LAMPIÃO, edição 16, 1979, p. 16)

Em uma charge no número anterior do jornal, mas dessa vez na página final, o tema aparece de forma diferente. “A FAMÍLIA UNIDA (Ou, como costumavam dizer nossos genitores, “tal pai, tal filho” utiliza da ironia e do humor para apresentar uma inversão de uma situação que seria esperada e que é mais comum do que a apresentada nos quadri-nhos, nos quais uma pessoa assume-se travesti para os pais, cujos papéis de gênero aparecem invertidos, tendo em vista o que é tido como comum na sociedade (LAMPIÃO, edição 16, 1979, p. 20) É difícil precisar o objetivo da charge, se meramente humorístico, e, portanto, transfóbico; ou de modo a utilizar esse tipo de discurso “invertido” para causar reflexão no público leitor.

De modo mais resolutivo, Rubio afirma que o jornal não possuía quaisquer tendências inclusivas quanto a travestis: “A impressão que se teve é a de que, mesmo sendo um jornal homossexual, o sujeito travesti ainda era estigmatizado, ganhando coerência e sentido a partir da matriz heterossexual” (RUBIO, 2014, p. 02). Defende esse ponto de vista com algumas citações muito demonstrativas, por exemplo a resposta de João Antônio Mascarenhas a um amigo que afirmava que lamentava o desprezo do Conselho Editorial para as “bichas pintosas” e “travestis”:

Quando o homossexual fala com voz de falsete, faz alde-
manes alambicados, dá gritinhos e requebra os quadris, ele,
sem se dar conta, está, de um lado, imitando a mulher obje-
to-sexual, a mulher cidadã de segunda classe, a mulher ide-
alizada pelos machistas e, por outro lado, por deixar de
aceitar sua orientação sexual com naturalidade (pois a efe-
minação é evidentemente artificial) acha-se a fornecer ar-
gumentos aos machistas que se negam a admiti-lo como
um homem comum, que usa sua sexualidade de forma não
convencional. (LAMPPIÃO, edição 04, 1978, p. 09)

Fica nítida uma tentativa de construção e reforço da identidade
homossexual masculina apartada de manifestação “afeminadas”, como
já abordado anteriormente. Isso também possui consequências sobre o
discurso sobre travestis no Lampião.

*Como o jornal contribuía para a inserção de travestis e transexuais na
sociedade brasileira?*

Do ponto de vista da representatividade, as menções a filmes que
possuíam protagonistas travestis e transexuais pode ser vista como algo
que poderia contribuir para a inclusão social. No entanto cabe também
analisar os espaços que estas matérias ocupavam nos jornais. Com base
em Giovana Montes Celinski e Ivania Skura:

[...] o formato físico da mídia impressa ressalta o aspecto
visual do texto, como o tipo de papel, as cores, fontes e os
recursos visuais utilizados, assim como o posicionamento
dos elementos na página. O design da publicação facilita a
leitura das informações e, desta forma, é essencial conside-
rá-lo quando se realiza pesquisa científica sobre determina-
do periódico. (CELINSKI; SKURA, 2016)

Além disso, a já mencionada identidade homossexual masculina almejada pelo jornal, como já exposto, possuía impacto direto sobre as temáticas travestis e transexuais, chegando a marginalizar propositadamente indivíduos que não se encaixassem nesse padrão.

Dessa forma, destacamos a questão dos espaços que os textos referentes a travestis e transexuais ocupam no jornal, variando entre espaços relativamente centrais e espaços à margem das páginas, até a já citada capa. Mais uma vez retornando ao número 32, o impacto de um título mundial no esporte mais popular do país conquistado por uma equipe de travestis estar estampado na capa do jornal pode ser visto como um fato de extrema importância. Entretanto, a circulação restrita do jornal pode ser um empecilho, além do seu público alvo.

Assim, apesar de que se pode considerar a presença do tema no jornal como uma forma de representatividade, o jornal cria um modelo identitário a ser imposto e seguido por esses grupos: aquele que “se traveste numa boa”, “que não possui sequer vontade de ser mulher” alia-se a isso a marginalização espacial que os textos referentes sofrem na maioria dos números do jornal.

Conclusão

O impresso alternativo *O Lampião da Esquina* marcou significativamente a história da imprensa nacional. A sua proposta era:

Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os

quetos e o sistema (disfarçado) de párias. (*Lampião da Esquina*, n. zero, p. 2)

O lampião desconstruiu diversos aspectos. Buscou retirar o binarismo entre bofes e bonecas. Em um primeiro momento, com um editorial completamente masculino, não focou em aspectos relativos às mulheres e não abriu muitos espaços de falas para elas. Porém, nas edições vindouras, houve uma maior abertura e as mulheres passaram a fazer parte de mais sessões do jornal. Essas reportagens falavam de temas interessantes, como o aborto, e o prazer feminino, o que eram essenciais para a possível desconstrução de temas considerados tabus.

Ainda assim, o Jornal possuía um foco de falar sobre a homossexualidade masculina. Assim, feministas, lésbicas, negras, negros, trans, passaram a procurar e passaram a criar outros locais de convivência, de militância, e de publicações mais específicas as suas lutas. É importante ressaltar que a militância gay nem sempre foi acolhedora com as mulheres, com as lésbicas, negros e negras, bis ou trans, mas isso não as e os impediu de se oporem às opressões das sociedades, de lutar, de criarem formas de solidariedade e de resistência.

Bibliografia

BUTLER, J. *Problemas de Gênero*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2015.

CELINSKI, Giovana Montes. SKURA, Ivania. “Mídia impressa, Comunicação e História: breves considerações e aproximações” GT de Historiografia da Mídia, integrante do 6º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul | 2016.

DAVID, S. W. ARRUDA, V. M. “*A homossexualidade estampada: O jornal Lamião da Esquina e a luta LGTB*. No prelo.

FERREIRA, C. *Imprensa homossexual: surge o Lamião da Esquina*. In: Revista ALTERJOR. Nº 01, VOL 01. Janeiro, 2010.

GREEN, “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. ” *Cadernos Pagu*, n.15, 2000.

GREEN, J. N & QUINALHA, R. (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

KUCINSKI, B. *Jornalistas e revolucionário: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

MISKOLCI, R. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. São Paulo: Autêntica Editora, 2012.

RAFEITOSA, R. A. S. *Linhas e entrelinhas: homossexualidades, categorias e políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa gay brasileira*. 275f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

RAGO, M. Descobrimos historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, n.11, 1998.

RUBIO. N. F. A. Dizibilidades travestis: imagens e enunciados na imprensa. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH – RIO, 2014, Rio de Janeiro. Anais do XVI encontro regional de história DA ANPUH – RIO: Saberes e práticas científicas. Rio de Janeiro, 2014.

SANTOS, W. S. “O movimento LGBT no Brasil (1978-1981): um estudo sobre o Jornal Lamião da Esquina. *Temática*, ano XI, n. 08. Agosto/2015. NAMID/UFPB.

SILVA, A. M. *Griôs Sapatonas Brasileiras e Lamião da Esquina*. Trabalho de Graduação (Bacharelado em História) – Setor Ciências Humanas, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

SILVA, N. F. “Masculinidades Hierarquizadas: entre o “gay macho” e a “bicha louca”, performances de gênero nos anos 1970”, *Revista de Artes e Humanidades*, n. 14, maio-outubro, 2016

SIMÕES JÚNIOR, A. C. ‘... E havia um lampião na esquina’- *Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura. (1978-1980)*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Rio de Janeiro: UNIRIO. 2006.

SCHULTZ, L.; BARROS, P. M. O lampião da esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970. *Revista de Estudos da Comunicação*, Curitiba, v. 15, n. 36, p. 49-63, jan. /abr. 2014.

SCHULTZ, L. *O Lampião da Esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970*. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia, Guarapuava, 2010.

Recebido em: 21/07/2017

Aceito em: 27/07/2017